



Nietzsche e o corpo

BARRENECHEA, Miguel Angel de. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

Rodrigo Alvarenga

Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), professor de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: alvarenga.rodrigo@pucpr.br

O tema apresentado pelo pesquisador argentino Miguel Angel de Barrenechea em *Nietzsche e o corpo* possui grande importância no cenário filosófico atual. De acordo com o autor, o tema da corporeidade apresenta-se ao longo das obras de Nietzsche como assunto privilegiado para a compreensão de sua crítica ao dualismo metafísico. Ao considerar o corpo como sendo um núcleo interpretativo fundamental, uma espécie de fio condutor (*Am Leitfaden des Leibes*), Barrenechea evidencia o papel da complexidade do organismo na desconstrução do que se constituiu historicamente a partir do pensamento filosófico e religioso de inspiração platônica. Nesse caso, a compreensão do mundo sensível como cópia imperfeita de uma realidade inteligível, bem como o entendimento sobre

a existência corporal fadada aos malogros de um cárcere, encontram-se em questão.

A profundidade e o alcance das discussões realizadas em *Nietzsche e o corpo* vem ao encontro dos problemas relacionados às vivências carentes de exuberância e sentido evidenciadas na contemporaneidade. A crença em uma vida melhor e mais perfeita e em uma realidade alcançável apenas enquanto alma, após a morte do corpo, deve ser considerada no diagnóstico dos tempos atuais. Apesar de ser possível questionar se de fato existe uma desvalorização do corpo em um mundo no qual as aparências são fundamentais, ainda é o mesmo papel subalterno ligado à ideia de um objeto, instrumento ou máquina que continua ditando as regras no que se refere à experiência corporal.

Na interpretação nietzschiana seria possível constatar que o ser humano continua a encontrar enormes dificuldades em aceitar sua condição no planeta, principalmente em função de uma *má compreensão do corpo*. Como um animal enfraquecido pela promessa de uma existência futura livre das mazelas da finitude, ele não se mostra capaz de descobrir e vivenciar a riqueza de sua essência corporal. Pois, na medida em que se equivoca quanto a si mesmo, o ser humano se desencoraja diante da responsabilidade de fazer do planeta Terra o lugar de sua realização. Por ser a maior vítima dos prejuízos legados pela tradição metafísica e religiosa, a noção de corpo é usada de maneira estratégica para denunciar a insuficiência de uma compreensão dualista do ser humano.

É o que Barrenechea analisa no primeiro capítulo de sua obra, intitulado “O corpo como fio condutor: para além dos dualismos”, no qual o autor apresenta e discute a crítica nietzschiana à concepção do ser humano como sendo constituído pela dualidade corpo e alma. Seu interesse está em questionar a ideia de uma substancialidade interior que caracterize a existência humana, seja pela purificação da noção de alma ou da noção de corpo. Barrenechea segue, então, pela compreensão de Nietzsche sobre o papel do filósofo como médico de uma cultura adoecida justamente por não entender a grandeza da existência enquanto corpo. Como médico da civilização, o filósofo deve conduzir a humanidade por meio de *marteladas*, à destituição dos além-mundos e de todos os ídolos relacionados às imagens tradicionais sobre o ser humano. No entanto, Barrenechea (p. 37) alerta para a tendência equivocada de compreender a crítica de Nietzsche como uma simples inversão do platonismo, pois

“a negação nietzschiana da existência do além e da alma não conduz à afirmação da terra e do corpo como resíduos do mundo *aparente*”. Ou seja, ao negar a existência de tal mundo verdadeiro, nega-se também o que se diz a respeito de um mundo das aparências.

No segundo capítulo, o autor visa a apresentar “uma perspectiva singular sobre o corpo”, que, não sendo substancial, permite entender o fenômeno corporal como um conjunto relacional de forças instintivas caracterizadas pelo movimento eterno do confronto vital. Percebido pela lógica hierárquica de uma relação de forças, o corpo é um todo dinâmico e conflituoso, em que as forças que mandam e obedecem se alternam no poder. No entanto, isso acontece sob um regime em que não há prejuízo aos subjugados, uma vez que o exercício do poder se faz pelo próprio *interesse dos governados*.

Na explicação do autor, esse tipo de metáfora sociopolítica é utilizado por Nietzsche visando a explicar por que o ser humano tende a criar conceitos substancializantes. Na verdade se trataria de uma necessidade do organismo, que em função do estado de luta em que se encontram os instintos e as forças, busca momentos de *παύση* pela criação de conceitos aparentemente eternos. Entretanto, segundo Barrenechea (p. 51), “o corpo é a expressão do dinamismo do vir-a-ser, jamais se fixa, jamais se estabiliza, mudando conforme o impulso ou o grupo de impulsos que, num instante efêmero, impõe sua *vontade* à comunidade orgânica.” Mas, então, não estaria Nietzsche apenas querendo inverter o platonismo na medida em que procura desvalorizar a alma e sublevar o corpo, como acusa Heidegger? Ou ainda, o autor de *Zaratustra* não cairia num tipo de materialismo biologizante ao querer encontrar uma explicação fisiológica para os processos psíquicos?

No entender de Barrenechea, apesar de Nietzsche acabar dando margem a esse tipo de questionamento, aqueles que se apegam demais à ideia de uma simples inversão realizada pelo filósofo não percebem as várias nuances de suas críticas. O uso de certos termos gástricos e intestinais, por exemplo, possui um sentido metafórico que visa a ridicularizar a crença na alma, e não fazer de suas análises comparativas uma verdade absoluta. O que “não implica negar a existência dos fenômenos psíquicos, cuja *natureza* é corporal” (p. 54). Trata-se de um tipo de monismo que, no entanto, não reduz o psiquismo aos processos materiais, pois a existência corporal contradiz tanto o idealismo da alma ou do espírito, como a pura

materialidade do corpo. Um monismo em que o ser humano não é reduzido ao fisiológico, pois é interpretado pelo “jogo de forças que perfaz a vontade de potência” (p. 55).

Para o autor, essa abordagem nietzschiana também visa à superação da dicotomia corpo e mundo, uma vez que os dois termos diferentes fazem alusão à mesma condição conflitiva das forças no jogo eterno da existência. Somente a arrogância de um ser que se eleva à posição de um observador absoluto, como se fosse um tipo de animal privilegiado perante os demais, permitiria pensar o corpo e o mundo como instâncias separadas. O objetivo de Nietzsche, nesse sentido, é reinserir o ser humano na natureza, mas para que isso seja possível é importante que a espécie humana perceba como as ideias de substância, alma, verdade, etc. geraram sua própria degradação e fraqueza. Enquanto o animal humano não se der conta de que a realidade se explica a partir da lógica da vontade de potência, ele será incapaz de assumir o seu papel diante da monstruosidade de forças que caracterizam o mundo e sua própria existência.

Por isso, é fundamental o reencontro do ser humano com seu maior aliado: seu corpo e as forças que o permeiam. O autor de *Nietzsche e o corpo* chama a atenção para essa questão e conduz o leitor à compreensão da peculiaridade da noção de instinto na obra do filósofo alemão. O pensamento consciente que surge pela atividade de um instinto de conhecimento é o resultado do confronto entre diversas forças “que, no ato de conhecer, encontram um meio-termo, um acordo ou justiça que permite manter a existência autônoma de cada um deles” (p. 67). A mente consciente, que dá margem aos prejuízos legados pelo intelectualismo e pelo materialismo, se transforma em Nietzsche no simples resultado do conflito entre processos inconscientes que se encontram numa trégua temporária. Por isso, os conceitos nunca podem ser definitivos, pois quando menos se espera, ocorre uma alternância de poder em prol do melhor funcionamento, ou seja, da elevação da força do organismo como um todo.

As análises realizadas em *Nietzsche e o corpo* põem fim, no terceiro capítulo, à apresentação de “Uma nova visão sobre a ‘relação’ consciência-corpo”. Considerando as interpretações nietzschianas sobre a consciência, interessa ao autor explicar a genealogia da consciência, a partir das exigências comunicativas dos primórdios de uma vida gregária. Não se trata de evidenciar certas causas primeiras ou finalidades últimas que possam assegurar factualmente como o corpo se torna consciente. Cabe apenas entender quais forças acabaram

se sobressaindo pelo processo que se estabeleceu quando a espécie humana passou a viver em comunidade, e quais motivações se relacionam com a necessidade de uma mente consciente capaz de ter lembranças e de esquecê-las.

Barrenechea procura explicar a visão de Nietzsche sobre esse ponto e conclui que somente as necessidades vitais do organismo, diante de um ambiente hostil e amedrontador, justificam o desabrochar de uma faculdade capaz de realizar tais façanhas. “Surge, então, um órgão que antecipa esses perigos, que se acautela diante da violência; a memória, revendo o passado, prevê acontecimentos futuros” (p. 104). Ao longo do tempo, o controle desvairado sobre os instintos produz a interiorização do homem como um efeito colateral que acaba gradativamente tornando a espécie doente. Segundo Nietzsche, a vida consciente é muito recente e surge contemporaneamente à linguagem, pela necessidade de transmitir ao outro algo sobre a realidade exterior. Nesse caso, o aspecto consciente da mente é incapaz de oferecer certezas sobre o que quer que seja, visto que a vida orgânica é muito mais rica e sábia do que aquilo que vem à tona por meio da palavra dita ou pensada.

A multiplicidade do que é vivido pelo corpo exige, portanto, não um conhecimento sobre a realidade, mas sim uma interpretação que corresponda ao perspectivismo da consciência enquanto corpo no mundo. Da mesma forma, o que se diz sobre o corpo, e o que se produziu historicamente a respeito dessa realidade, não passam de interpretações perspectivas – e o que é pior, de más interpretações perspectivas. Por isso, Nietzsche procura explicar a consciência por meio de metáforas gástricas que dizem respeito ao processo de nutrição, digestão e excreção. Não se trata de uma explicação fisiológica sobre os processos mentais, mas apenas de uma artimanha do filósofo alemão diante das posturas intelectualistas, que deve ser entendida no âmbito simbólico. De acordo com Barrenechea (p. 131), os pensamentos são comparados “às funções gástricas porque incorporam, através da atividade interpretativa, o que é alheio, digerem o que é diverso – a multidão de forças inconscientes – através de signos unívocos”.

Entrementes, o que é o homem a partir de uma perspectiva que encontra no corpo um fio condutor de interpretação? Para entendê-lo, conforme as considerações de *Nietzsche e o corpo*, se faz necessário afastar as posturas dualistas que cindem corpo e alma, bem como o materialismo que reduz a consciência aos processos fisiológicos. Mais importante ainda

é reinterpretar a existência enquanto um confronto de forças em que o corpo é a *grande razão*, o grande sábio no qual se deve apostar e confiar para que a humanidade seja conduzida em direção ao maior sentido de sua existência: vontade de potência!

Recebido: 10/12/2010

Received: 12/10/2010

Aprovado: 13/03/2011

Approved: 03/13/2011